

A TEOLOGIA PENTECOSTAL DIANTE DOS DESAFIOS E OPORTUNIDADES DAS MÍDIAS DIGITAIS: ENTREVISTAS COM CLAITON POMMERENING¹⁴⁵, EDUARDO LEANDRO¹⁴⁶ E VALMIR NASCIMENTO¹⁴⁷

Victor Breno Farias Barrozo¹⁴⁸

Com o advento e difusão das mídias digitais na segunda metade do século XX e início do XXI, a teologia pentecostal tem defrontando-se com novos desafios e oportunidades. Ao mesmo tempo que a era midiática tem potencializado à dimensão evangelístico-missionária da fé pentecostal, a propagação da educação bíblica-teológica e ministerial e o fomento de novas formas de discipulado – para além das fronteiras geográficas e geracionais – o ciberespaço impõe os desafios da superficialidade da fé moldada pelos algoritmos, enfraquecimento do conteúdo doutrinário, dissolução da autoridade institucional e vínculos comunitários e da espetacularização da experiência religiosa, dentre outros problemas.

Diante dessas questões, o desenvolvimento de uma *ciberteologia pentecostal* é impulsionada pela busca por respostas bíblicas críticas e criativas diante da cultura midiática, iluminadas pelo Espírito, cultivando tanto um discernimento espiritual digital, como também um engajamento profético na

¹⁴⁵ Doutor e Mestre em Teologia pela EST (Escola Superior em Teologia). E-mail: claiton@ceeduc.edu.br

¹⁴⁶ Doutor em Teologia pela EST (Escola Superior em Teologia). E-mail: eduleandroalves@gmail.com

¹⁴⁷ Doutorando em Filosofia Política e Social na UNISINOS/RS. E-mail: valmir.milomem@gmail.com

¹⁴⁸ Doutor em Ciências das Religiões pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) com estágio sanduíche (PDSE/CAPES) na Universidad Complutense de Madrid (UCM, Espanha). E-mail: victorbrenofb@gmail.com.

sociedade em rede. Diante dessas questões, colocar-se: que impasses se colocam à reflexão teológica pentecostal no ambiente midiático? Como produzir uma teologia especificadamente pentecostal nesse contexto? Que possibilidades uma teologia pentecostal no Brasil tem diante do ciberespaço?

É necessário considerar que as mídias digitais não são meramente ferramentas ou espaços neutros, mas sim, espaços teológicos onde disputa-se a forma como se crê, se comunica e se vive a fé pentecostal. Portanto, uma teologia do pentecostal *nas, das e para* as mídias digitais deve orientar-se pela sabedoria carismática do Espírito que, com poder e graça, pode oferecer direcionamentos pastorais e para a espiritualidade cristã, sobre como manifestarmos uma presença fiel e relevante do evangelho no mundo hiperconectado.

Para refletirmos sobre essa temática, entrevistamos¹⁴⁹ os teólogos Claiton Pommerening, Eduardo Leandro e Valmir Nascimento que tem se dedicado nos últimos anos – cada um a seu modo – à reflexão sobre teologia pentecostal, espaço público e questões pastorais no Brasil, para discutir sobre as interfaces da reflexão teológica pentecostal no contexto das mídias digitais contemporâneas.

Eis a entrevista:

Victor Breno: *Como compreender a relação entre a espiritualidade pentecostal e a cultura digital contemporânea? Há mais tensões ou possibilidades?*

Claiton Pommerening: A relação entre a espiritualidade pentecostal e a cultura digital contemporânea pode ser descrita como aquele tipo de encontro que, à primeira vista, parece improvável, mas que o Espírito Santo insiste em usar para surpreender a todos. Se nos anos 1930, os crentes de paletó e Bíblia na mão

¹⁴⁹ Entrevistas realizadas por e-mail com os pesquisadores no mês de junho de 2025.

batiam de porta em porta com zelo evangelístico, hoje o “ide” de Jesus passou a incluir o algoritmo, o engajamento e até o famoso “arrasta pra cima”.

Sob uma perspectiva assembleiana, a espiritualidade pentecostal é marcada por sua oralidade, espontaneidade, afetividade e busca constante pelo mover do Espírito. A cultura digital, por sua vez, é fluida, veloz, saturada de imagens e sons — um terreno onde memes, reels e lives se tornam púlpitos improvisados. E aí está uma das maiores possibilidades: o ambiente digital se torna, para o pentecostal, um novo “cenáculo global”. Onde há dois ou três conectados em nome de Jesus, ali há Wi-Fi do céu.

Mas não sejamos ingênuos — há tensões, sim. O risco de uma espiritualidade superficial, pautada por likes em vez de frutos do Espírito, é real. O culto ao “influencer gospel” pode obscurecer a centralidade da cruz. A tentação do espetáculo pode abafar a simplicidade do evangelho. E o excesso de estímulos pode atrofiar a prática da oração silenciosa e da escuta da Palavra.

Contudo, o pentecostal assembleiano sabe que o Espírito sopra onde quer. A chave está na *discernência*, como diriam os mais antigos, isto é, no discernimento espiritual que nos ajuda a separar o trigo do TikTok.

Portanto, há mais possibilidades do que tensões — desde que a espiritualidade digital seja conduzida não pela vaidade, mas pela vocação. A cultura digital pode ser um campo missionário, um espaço de discipulado, uma vitrine de testemunho — desde que os dedos que digitam estejam submetidos ao mesmo Espírito que unge os pés daqueles que anunciam boas novas.

Eduardo Leandro: Entendo que a espiritualidade pentecostal, marcada por experiências pessoais com Deus, manifestações do Espírito Santo e comunhão

comunitária, encontra na cultura digital contemporânea tanto tensões quanto possibilidades.

Por que eu digo isso? Por um lado, há tensões em relação ao risco de superficialidade espiritual, isolamento e consumo de conteúdo religioso descontextualizado. Por outro, surgem grandes possibilidades de evangelização, ensino e edificação por meio de ferramentas que permitem a pregação da fé em escala global, a formação de comunidades online e a ampliação do acesso a conteúdos devocionais e teológicos.

Valmir Nascimento: A espiritualidade pentecostal é dinâmica e adapta-se bem a diversos contextos culturais, inclusive ao ambiente das mídias digitais. Evidentemente, como o pentecostalismo é plural, o relacionamento dos crentes pentecostais com esse tipo de mídia pode variar conforme a tradição específica a que pertencem. Há algumas décadas, essa relação era marcada por certa tensão, muitas vezes motivada por uma visão apocalíptica em relação à tecnologia e à internet. Prevalencia a preocupação de que a cultura digital pudesse corromper a fé e enfraquecer a espiritualidade vivida de forma presencial nas igrejas.

No entanto, a experiência tem mostrado que esse tempo ficou para trás. Com o amadurecimento teológico, a ampliação do diálogo com a cultura e a intensificação inevitável da presença digital, vivemos hoje um momento caracterizado mais por aproximações do que por distanciamentos. A espiritualidade pentecostal passou a explorar inúmeras possibilidades de expressão e vivência da fé no ambiente digital, atingindo um novo patamar sobretudo após a pandemia da Covid-19.

Atualmente, essa espiritualidade também se manifesta de forma concreta na cultura digital, por meio de uma variedade de práticas: ensino, pregação,

relacionamentos, transmissões de cultos, defesa da fé e muitas outras formas de engajamento.

Victor Breno: *A teologia pentecostal, marcada por oralidade, experiência e emoção, encontra nas mídias digitais um ambiente favorável ou ameaçador? Por quê?*

Claiton Pommerening: A teologia pentecostal, com sua ênfase na oralidade, na experiência do sagrado e na emoção como parte legítima da relação com Deus, encontra nas mídias digitais um verdadeiro *campo de batalha espiritual midiático* — onde há tanto armadilhas quanto oportunidades unguidas.

Por um lado, o ambiente digital é altamente favorável à expressão pentecostal. Ora, estamos falando de uma tradição teológica que nasceu nos improvisos do culto, que valoriza o testemunho vivo, a palavra falada com autoridade espiritual e a manifestação visível da fé. Isso se traduz lindamente em vídeos curtos, pregações ao vivo, reels com coreografias unguidas, e até aquele clássico “responde com um amém” no final do post. A internet virou um novo púlpito — só que com mais filtros e menos paletó.

Além disso, a oralidade encontra nas mídias digitais uma extensão poderosa. Lives, podcasts, áudios no WhatsApp — tudo isso ajuda a manter viva a tradição pentecostal de falar, ouvir, narrar milagres e partilhar experiências do Espírito. A emoção, por sua vez, é combustível ideal para viralizações: uma lágrima sincera num story tem mais impacto que muito tratado teológico, felizmente ou infelizmente?

Por outro lado, há riscos claros. A superficialidade digital pode esvaziar a profundidade da experiência espiritual. A busca por curtidas pode substituir a

busca por santificação. A emoção pode ser editada, roteirizada, artificializada — o que nos leva àquela velha pergunta assembleiana: “É fogo do céu ou fogo de palha?”. O culto pode virar performance. O pregador, influencer. O altar, palco. E isso ameaça a autenticidade que é a alma da espiritualidade pentecostal.

A resposta assembleiana a esse dilema deve ser: “Use, mas não abuse. Sirva-se, mas não se curve”. As mídias digitais não são neutras, mas também não são essencialmente malignas. São instrumentos — e como diria qualquer bom pentecostal: *nas mãos de Deus, até um celular vira vara de Moisés*.

Em suma: é ambiente favorável *com risco de desvio*. Cabe à teologia pentecostal formar crentes e líderes que sejam digitais sem deixar de ser espirituais, que usem tecnologia sem perder a unção, e que publiquem com autoridade e não apenas com algoritmo.

Eduardo Leandro: As mídias digitais oferecem um ambiente favorável à teologia pentecostal em vários aspectos, pois valorizam a comunicação audiovisual, que potencializa a oralidade, as experiências e a expressividade emocional típicas da fé pentecostal.

Vídeos de pregações, cultos transmitidos ao vivo e testemunhos compartilhados em redes sociais ampliam o alcance da mensagem. No entanto, existem ameaças, como o risco de espetacularização da fé, a perda do discernimento espiritual e a substituição da vivência comunitária na igreja local por consumo passivo de conteúdo religioso.

Valmir Nascimento: Antes de tudo, é necessário compreender a relevância das mídias digitais como instrumentos de comunicação. Elas são fruto da capacidade inventiva e da inteligência concedida por Deus ao ser humano. Como escreveu o apóstolo Paulo: “nenhuma coisa é impura em si mesma” (Rm 14.14); no entanto,

algo se torna impuro, corrompido ou perverso quando o ser humano, em sua condição caída, expressa rebelião contra Deus.

Walter Kaiser Jr. foi preciso ao afirmar que “embora os meios de comunicação tenham um enorme potencial de unir a humanidade por meio de satélites e da internet (...), também é grande seu potencial para gerar efeitos nocivos e negativos na sociedade, dependendo da qualidade do conteúdo transmitido”. Esse mesmo princípio aplica-se às mídias digitais. Com isso, entendo que a teologia pentecostal enxerga esses instrumentos comunicativos a partir de duas perspectivas fundamentais: pela ótica da doutrina da Criação, reconhece-se a capacidade humana — dada por Deus — de desenvolver recursos benéficos e edificantes, como ocorreu com a imprensa que possibilitou a ampla difusão da Bíblia; e, sob a perspectiva da Queda, entende-se que o ser humano, em sua natureza corrompida, pode perverter aquilo que originalmente é bom.

Isso nos leva a entender que os ambientes digitais podem ser tanto favoráveis quanto ameaçadores à espiritualidade pentecostal, dependendo dos princípios que orientam sua utilização. De modo positivo, pode-se destacar que ensinamentos e pregações disseminados nesses espaços têm o potencial de alcançar pessoas distantes, promover a oralidade, e gerar experiências e emoções espirituais autênticas, mesmo em contextos remotos. Por outro lado, há sérios riscos que ameaçam a integridade da fé e a autenticidade do pentecostalismo, especialmente quando essas ferramentas são utilizadas com propósitos ou meios que desonram as Escrituras. Uma dessas ameaças consiste na idolatria tecnológica e no uso excessivo das mídias digitais, o que pode comprometer a vivência da fé em comunidade e o valor das relações presenciais — elementos essenciais da espiritualidade pentecostal.

Victor Breno: *Quais são os principais desafios que o pentecostalismo enfrenta ao transmitir sua teologia por meio das redes sociais e plataformas digitais?*

Claiton Pommerening: Os principais desafios que o pentecostalismo enfrenta ao transmitir sua teologia nas redes sociais e plataformas digitais giram em torno de três eixos: profundidade, autenticidade e discernimento.

A Superficialidade teológica disfarçada de conteúdo devocional nas redes sociais favorece o curto, o rápido e o emocional. Mas a teologia pentecostal — por mais experiencial que seja — é profunda, enraizada na Bíblia, nas práticas da comunidade e nos testemunhos que resistem ao tempo. As plataformas digitais exigem síntese, mas a fé exige substância.

O ambiente digital ama espetáculo, embora o culto pentecostal tem elementos altamente visuais e emocionantes. Mas há uma linha tênue entre manifestar o poder de Deus e montar um show para a audiência. Quando a manifestação espiritual vira conteúdo de entretenimento, o risco é trocar o bíblico pelo conveniente e pragmático. A lógica do palco digital pode engolir a pedagogia do discipulado.

Outro desafio é a confusão entre dons espirituais e carisma pessoal. A cultura digital premia quem tem boa oratória, boa câmera, bom marketing. Mas nem sempre quem fala bonito tem unção. A teologia pentecostal precisa lembrar que carisma humano sem cruz é só charme gospel. A autoridade vem do Espírito, não do número de seguidores.

A fragmentação e a descontextualização praticada pelos cortes de uma pregação de 50 minutos para um vídeo de 30 segundos é quase como tentar explicar a Trindade com emojis. Trechos soltos, sem contexto, podem distorcer a teologia pentecostal, que é comunitária, litúrgica e cheia de camadas. O risco é

formar uma geração de crentes superficiais, que consomem trechos emocionantes sem compreender os fundamentos da fé.

O ambiente digital tende a criar “autoridades paralelas”, os gurus digitais ou ainda os *coach* cristãos: *influencers* que se tornam referência teológica, mesmo sem qualquer compromisso com a tradição, a comunidade de fé ou a responsabilidade pastoral. Isso pode gerar confusão, cismas e até heresias travestidas de "novas revelações".

O desafio é fazer com que a chama pentecostal continue acesa sem virar fogos de artifício. É comunicar a Palavra com poder e graça, sem perder o conteúdo na embalagem. E acima de tudo, é manter o joelho no chão mesmo com o celular na mão. Porque o maior influenciador da história ainda é o Espírito Santo.

Eduardo Leandro: É uma pergunta com respostas abrangentes, mas resumo que os principais desafios incluem:

- Preservar a integridade doutrinária diante da pluralidade de discursos religiosos nas redes;
- Evitar a banalização das experiências espirituais, que podem ser expostas sem o devido contexto pastoral e bíblico (os famosos cortes).
- Manter o vínculo com a igreja local, evitando que o crente se isole em uma fé individualizada;
- Lidar com os algoritmos e a lógica do engajamento, que muitas vezes priorizam o sensacionalismo em detrimento da profundidade teológica e espiritual

Valmir Nascimento: O primeiro desafio é manter sua identidade sem deixar a sua mensagem ser moldada pelo ambiente. Devemos lembrar de Marshall

McLuhan que disse “o meio é a mensagem” — ou seja, os meios de comunicação não apenas veiculam conteúdos, mas moldam o modo como pensamos, nos relacionamos e vivemos. A mediação tecnológica pode gerar uma espiritualidade marcada pela velocidade, fragmentação e superficialidade, caso não haja intencionalidade teológica e pastoral.

O segundo desafio, diretamente relacionado ao primeiro, é resistir à lógica utilitarista e consumista que predomina nos ambientes digitais. Na cultura digital contemporânea, a capacidade das pessoas muitas vezes é medida pelo número de seguidores, pela visibilidade nas redes e pela repercussão de suas publicações — o que tem contribuído para o surgimento de uma espécie de “subcelebridade gospel”. O pentecostalismo, contudo, precisa romper com esse paradigma. A motivação para a comunicação da teologia pentecostal não pode ser a simples produção de conteúdo, mas sim a geração de valor espiritual, algo que edifique, transforme e glorifique a Deus. Ao mesmo tempo, a teologia precisa ser contraintuitiva em relação à lógica dominante das mídias. Em vez de reforçar a dependência constante das plataformas digitais, a mensagem veiculada por esses meios deve, sempre que possível, conduzir o público para além das mídias, despertando o desejo por uma espiritualidade mais profunda, vivida na intimidade com Deus.

O terceiro desafio diz respeito ao impacto crescente da inteligência artificial. Embora ainda não saibamos com precisão até que ponto a teologia cristã em geral, e a teologia pentecostal em particular, será afetada por essa revolução tecnológica, é inegável que estamos diante de uma transformação sem precedentes. As novas ferramentas estão reconfigurando práticas de leitura, estudo, ensino e até mesmo de vivência espiritual. Diante disso, é essencial que a comunidade pentecostal se aproxime da IA com discernimento espiritual e

reflexão teológica, para que essas inovações sejam usadas com sabedoria, sem comprometer os fundamentos da fé e da tradição pentecostal.

Victor Breno: *Como os Institutos Bíblicos, Seminários e Faculdades Teológicas podem oferecer formação teológica pentecostal diante das demandas dos novos formatos digitais, garantindo qualidade acadêmica, zelo pela espiritualidade e capacitação ministerial?*

Claiton Pommerening: Os Institutos Bíblicos, Seminários e Faculdades Teológicas que desejam formar ministros e ministras cheios do Espírito e também preparados para os desafios do mundo digital precisam fazer o que todo bom assembleiano já faz: equilibrar unção e estudo, devoção e racionalidade.

A formação teológica pentecostal, nesse novo contexto, exige uma tríplice fidelidade: à Palavra, ao Espírito e ao tempo presente. Não adianta formar pastores com domínio do hebraico bíblico, mas que titubeiam na hora de abrir uma live no Instagram; tampouco adianta formar influenciadores digitais que não conhecem os principais termos teológicos.

A formação com qualidade, espiritualidade e capacitação vem através da atualização dos métodos sem diluir os valores. É possível usar ferramentas digitais — AVAs, podcasts, vídeos curtos, e-books, plataformas de aprendizagem gamificada — sem perder a ênfase na oração, no jejum, na devoção e no estudo bíblico com lágrimas. A tecnologia deve ser o meio, não o espírito da coisa. É o “novo odre”, mas o vinho continua sendo pentecostal raiz.

Precisa-se formar ministros digitais com teologia encarnada, enfrentando o desafio de ensinar teologia sistemática com referências acadêmicas, e ao mesmo tempo mostrar como pregar de forma envolvente nas mídias sociais. A formação

precisa incluir disciplinas que abordem mídia, comunicação, cultura digital, ética da tecnologia e espiritualidade online, além das demais disciplinas tradicionais.

Ainda, nada substitui a comunhão dos santos. Por isso, mesmo no ensino remoto, a formação teológica pentecostal deve cultivar espaços de oração coletiva, momentos de clamor e partilha de experiências espirituais, ainda que por videochamada. É possível sentir a presença de Deus numa sala do Google Meet — desde que quem ensina esteja cheio do Espírito, e não só de racionalidade.

A capacitação ministerial precisa contemplar o púlpito e a câmera, o gabinete pastoral e o inbox do Instagram, a visita ao enfermo e a live de aconselhamento. O pastor e a pastora pentecostais de hoje precisam saber interceder, interpretar textos bíblicos e lidar com comentários de haters nos vídeos — tudo isso com graça, sabedoria e o discernimento do Espírito.

Eduardo Leandro: Penso que as instituições teológicas podem adaptar seus currículos e metodologias pedagógicas ao meio digital, utilizando plataformas interativas, fóruns de discussão, videoaulas e mentorias online.

Devem, contudo, preservar a centralidade da Palavra de Deus, o compromisso com a oração, a comunhão e a prática ministerial. É essencial que a formação digital esteja integrada a vivências presenciais, como encontros, estágios e cultos, garantindo a união entre o conteúdo acadêmico e a espiritualidade pentecostal.

Valmir Nascimento: Creio que os institutos de ensino teológico exercem um papel fundamental na forma como a igreja promove o conhecimento bíblico e teológico. É inegável que os formatos digitais se tornaram indispensáveis em nossos dias, dada a praticidade e o alcance que proporcionam. No que diz respeito à assimilação de conhecimento, essas modalidades são legítimas e podem

contribuir significativamente para a formação bíblica, acadêmica e ministerial dos cristãos. Tenho tido a oportunidade de ministrar em diversos institutos bíblicos, tanto no Brasil quanto no exterior, por meio de plataformas virtuais, o que dificilmente seria possível de maneira presencial.

No entanto, é importante lembrar que a educação cristã vai muito além da simples transmissão de informações. Trata-se de um processo de formação e transformação pela Palavra de Deus. Por essa razão, não devemos equiparar nossos institutos cristãos às instituições de ensino secular, cujas finalidades e fundamentos são distintos.

Inspirando-nos no pensamento do filósofo inglês Roger Scruton, já falecido, podemos dizer que a educação cristã atua, em certo sentido, como uma agência formativa que desafia e subverte os padrões do ensino formal convencional.

Como tenho reiterado em meus livros, é essencial manter o princípio do retorno constante ao cenáculo, o ambiente comunitário de fé, onde se cultivava a intimidade com Deus e a comunhão com os irmãos. A verdadeira espiritualidade, a meu ver, floresce no equilíbrio entre a vida interior e a prática comunitária e ministerial. Os recursos tecnológicos são valiosos, mas jamais devem substituir a vivência espiritual partilhada no corpo de Cristo.

Victor Breno: *Você acredita que o uso crescente das mídias digitais está moldando uma nova forma de discipulado pentecostal? Isso é positivo ou negativo?*

Claiton Pommerening: Sim, o uso crescente das mídias digitais está moldando uma nova forma de discipulado pentecostal. E como todo processo

histórico-teológico, essa transformação é ambígua: tem progressos abençoadores, mas exige discernimento profético.

O que está mudando? No modelo tradicional pentecostal, o discipulado se dava na vivência comunitária: oração nos lares, culto de ensino na quarta-feira, conselhos do pastor no corredor da igreja, discipulador que conhecia a luta espiritual do discípulo de forma íntima. Esse modelo formava crentes por meio da convivência, da observação, da prática e do poder do exemplo num discipulado intencional e contínuo.

Com a explosão das mídias digitais, surge um novo tipo de discipulado: das telas, onde o conteúdo formativo é transmitido por vídeos, reels, podcasts, devocionais por WhatsApp, e até grupos de mentoria no Zoom. O novo discípulo muitas vezes aprende com pregadores que nunca viu pessoalmente e compartilha experiências de fé por comentários e reações.

Isso é positivo? Sim — desde que bem conduzido, havendo vantagens claras: acessibilidade onde crentes em regiões remotas têm acesso a conteúdos profundos e edificantes; multiplicação de vozes formadoras em que pastores, teólogas, missionárias, leigos e músicos podem alcançar milhares com ensino bíblico e vida devocional; incentivou um estímulo ao protagonismo, onde muitos crentes passaram a produzir conteúdo, escrever devocionais, liderar grupos de estudo online — algo maravilhoso!

E o lado negativo? Se perdermos o foco relacional e comunitário do discipulado, isso atenta contra a relacionalidade do Evangelho de Cristo. Discipulado não é apenas informação, mas formação, e isso envolve convivência, correção amorosa, partilha de vida, contato, olho no olho. A “fé sob demanda” pode gerar discípulos autônomos, que seguem quem fala o que agrada, em vez de quem confronta com amor. A formação pastoral digital corre o risco de ser

“personalizada” demais e “comunitária” de menos — crentes plugados, mas não plantados. Além disso, o excesso de opções pode gerar confusão doutrinária, consumismo espiritual e perda da identidade pentecostal histórica.

O discipulado digital é inevitável, é real e pode ser profundamente frutífero — mas não pode ser desencarnado. O desafio é pentecostalizar esse discipulado, não apenas digitalizá-lo. Ou seja, mantê-lo marcado pelo poder do Espírito, pela comunhão dos santos, pela centralidade das Escrituras, pelo compromisso com a missão e por relacionamentos comprometidos e saudáveis.

Nem sempre as mídias sociais são usadas pelas igrejas e lideranças para a promoção do Reino de Deus de forma correta. Embora haja muita evangelização pelas mídias sociais, o que é muito louvável, existe uma grande carência de promoção de discipulado através delas, migrando assim de uma ênfase demasiada em evangelismo superficial para a formação de discípulos de Jesus. Além disso, é preciso discernir o entorpecimento mental, emocional e espiritual que o excesso de telas pode produzir para promover uma espiritualidade sadia que leva em conta a influência das redes sociais.

Eduardo Leandro: Sim, acredito. E isto pode ser tanto positivo quanto negativo. Por um lado, abre-se a possibilidade de acompanhar e discipular pessoas à distância, ampliar o acesso a recursos de ensino e conectar crentes em diferentes partes do mundo.

Por outro, há o risco de um discipulado despersonalizado, com pouca prestação de contas, com pouca (ou nenhuma reflexão bíblica), sem vínculos comunitários e sem o acompanhamento pastoral necessário. Penso que discipulado digital precisa ser complementar, não substitutivo ao convívio real.

Valmir Nascimento: Na resposta anterior, já ofereci algumas pistas para esta questão. Não acredito que estejamos diante de uma nova forma de discipulado, mas sim de um novo tipo de mediação por meio da qual o discipulado pode ser realizado.

Essa mediação tecnológica pode ser positiva ou negativa, a depender de como é utilizada e integrada à vida comunitária da fé. Sugiro que os recursos tecnológicos devem ser vistos como instrumentos de apoio, e não como a base do discipulado. O discipulado cristão continua sendo essencialmente relacional, e a presencialidade é essencial para isso.

Victor Breno: *Quais cuidados teológicos e pastorais os líderes pentecostais devem ter ao utilizar as redes sociais para pregar, aconselhar ou ensinar?*

Claiton Pommerening: As redes sociais são hoje extensões dos nossos púlpitos e gabinetes pastorais. Se antes o pastor ensinava da tribuna e aconselhava no banco da igreja, hoje ele pode estar fazendo isso enquanto segura um celular e desvia das notificações. Mas o ambiente digital não é neutro — ele exige cuidado, responsabilidade e discernimento.

Deve-se cuidar com a superficialidade doutrinária, pregar online não significa pregar “pela metade”. Evitar reduzir temas profundos da fé pentecostal a slogans ou frases de impacto que cabem num post. Milagres, batismo no Espírito Santo, escatologia, santificação — tudo isso precisa de explicação bíblica sólida, mesmo em formatos curtos. Síntese é bênção; simplismo é cilada.

Aconselhar online exige sabedoria dobrada, deve-se evitar expor a dor alheia, mesmo que seja com boas intenções. O que é dito em particular precisa continuar sendo sagrado, mesmo na era das mensagens de voz. E cuidado: o conselho que se dá num story pode ser interpretado por centenas de formas — ou distorcido por um print fora de contexto.

Deve-se ainda evitar ataques pessoais, polêmicas fúteis, lacradas gospel, ter zelo com o vocabulário — linguagem simples não significa linguagem vulgar e coerência entre vida e conteúdo digital. As redes amplificam nossa voz, mas também nossas contradições. Por isso, o cuidado com o caráter precisa ser tão forte quanto o cuidado com o conteúdo.

O líder pentecostal também precisa ser disciplinado digitalmente: saber quando falar, quando calar, quando responder com sabedoria e quando simplesmente orar e deixar passar. Precisa cuidar ainda com a “idolatria da visibilidade”. Nem tudo o que Deus manda dizer precisa virar postagem. E nem toda viralização é sinal de aprovação divina. A tentação do ego digital é real — e até ministros ungidos podem cair na armadilha de medir seu ministério por métricas de engajamento.

Três critérios de relevância podem ser levados em conta no engajamento do Evangelho nas mídias sociais: a bondade (comportamentos éticos), a verdade (informação precisa) e a beleza (estética e criatividade). Às vezes fala-se com bondade apontando para as coisas boas do Evangelho, mas falta a beleza, o que não cativa as pessoas; algumas vezes fala-se coisas belas, mas desprovidas da verdade; outras vezes fala-se a verdade, mas sem bondade, levando à agressividade, acusações e formas não amorosas de se relacionar nas mídias sociais. Quando o ministério cristão se utiliza da verdade sem bondade nas mídias sociais ela se impõe de forma agressiva sobre os que não a querem, assim, a fé se torna coercitiva; no intuito de evitar a coerção social, a fé se torna ociosa, faltando com a verdade e priorizando a bondade ou a beleza, conforme escreve o teólogo Miroslav Volf.

Eduardo Leandro: De forma simples e direta, penso que os líderes precisam:

- Ter discernimento espiritual e sabedoria pastoral ao compartilhar conteúdos;
- Evitar polêmicas inúteis e posturas que prejudiquem o testemunho cristão;
- Respeitar os limites do aconselhamento virtual, que não substitui a escuta presencial e o cuidado pastoral contínuo;
- Assegurar que o ensino seja fundamentado nas Escrituras, com clareza e fidelidade doutrinária;
- Demonstrar humildade e coerência de vida, lembrando que a autoridade espiritual se apoia no exemplo e na integridade, mesmo no ambiente digital.

Valmir Nascimento: O mundo virtual exige discernimento, sobriedade e vigilância constante (1 Pe 5.8). Líderes devem fugir da superficialidade e das polêmicas passageiras (Tt 3.9). Não devem buscar a relevância pela repercussão, mas pela fidelidade bíblica do conteúdo que compartilha.

O que realmente importa não é o número de curtidas, mas a verdade que se transmite. E, sobretudo, vigie o tempo dedicado às redes sociais. Elas têm o poder de consumir energia, foco e até mesmo a vitalidade espiritual. Cristãos em geral e pastores em particular são embaixadores de Cristo também no ambiente digital, com temor, profundidade e propósito.

Victor Breno: *Por fim, quais são os caminhos possíveis para um uso ético, missionário e teológico das mídias digitais por igrejas e líderes pentecostais hoje?*

Claiton Pommerening: Fazer evangelização de forma contextualizada e criativa, pois a internet é um campo missionário global. Lives, podcasts, vídeos curtos, devocionais em carrossel no Instagram — tudo pode ser um instrumento evangelístico. Mas atenção: não basta “falar de Jesus”, é preciso falar de Jesus do jeito certo, para o público certo, com linguagem apropriada e conteúdo bíblico. Missão digital não é marketing evangélico — é encarnação do Evangelho.

Professar uma teologia acessível, mas sem diluição. A mídia digital permite ensinar teologia com amplitude: vídeos explicando doutrinas pentecostais, cursos online sobre os livros bíblicos, devocionais sobre o fruto do Espírito, etc. Tudo isso democratiza o acesso ao ensino e ao evangelismo.

Manter a ética no conteúdo e na conduta, conforme resposta da pergunta anterior. A ética digital pentecostal envolve três posturas básicas: verdade no conteúdo (sem fake News, sem distorção teológica); respeito e bondade no diálogo (sem brigas públicas, sem ódio disfarçado de zelo apologético); e beleza e transparência na prática (nada de manipulação emocional para ganhar seguidores ou ofertas).

Cultivar uma espiritualidade autêntica e não performática, evitando o risco da espetacularização. Claro que Deus pode usar um vídeo — mas a pergunta é: isso foi feito para glorificar a Deus ou para promover a personalidade do líder? Usar a mídia como púlpito e como ponte — nunca como pedestal.

As igrejas pentecostais podem (e devem) construir espaços de comunhão digital, formando comunidades híbridas, que não substituam o culto presencial, mas complementem a vivência cristã. Grupos de oração por WhatsApp, discipulado por videoconferência, células online, cultos transmitidos com interação ao vivo — tudo isso pode manter a chama acesa até para quem está longe.

As redes também são espaço para o testemunho profético, promovendo justiça e misericórdia. Igrejas pentecostais podem usar suas plataformas para denunciar injustiças, promover solidariedade, divulgar campanhas missionárias, projetos sociais, ações ambientais.

Eduardo Leandro: Penso que alguns caminhos possíveis incluem:

- Desenvolver estratégias de comunicação cristocêntricas e bíblicas, que promovam o evangelho com verdade e amor;
- Capacitar líderes e membros para o uso consciente e responsável das mídias;
- Criar conteúdos devocionais, teológicos e evangelísticos relevantes e acessíveis;
- Usar as redes como espaço de acolhimento, discipulado e comunhão, sem perder de vista a importância da igreja local;
- Cultivar uma presença digital que reflita a ética do Reino de Deus, com respeito, esperança e fidelidade à missão.

Valmir Nascimento: Devemos lembrar que as mídias digitais são uma característica da sociedade de consumo, na qual os indivíduos projetam suas identidades e sonhos em produtos, objetos e outros elementos da cultura material. O sociólogo polonês Zygmunt Bauman observou que, na sociedade de consumidores, ninguém pode se tornar sujeito sem antes se transformar em mercadoria. O que Bauman quer dizer é que o consumidor também se torna uma espécie de mercadoria, passível de manipulação e uso para diversos interesses.

Como cristãos, devemos nos aproximar das redes sociais com esse cuidado: para não sermos usados como mercadoria no mercado de dados, e tampouco enxergarmos os outros, seguidores, amigos, pessoas, sob essa lógica mercadológica.

Numa análise pertinente, o teólogo pentecostal Amós Yong afirmou que, diante da lógica que impera nessa sociedade consumista, marcada pelo egoísmo e hedonismo, a Igreja precisa oferecer uma alternativa — um outro conjunto de desejos — capaz de contribuir para a cura do mundo, nesse caso, do mundo digital. Em vez de uma teologia egocêntrica de autoajuda e empoderamento (econômico, digital etc), diz Yong, é necessário fazer emergir uma teologia trinitária do desejo, formada pelas práticas da Igreja e sensível às particularidades e necessidades de cada pessoa, criada à imagem de Deus.

Ou seja, enquanto o mundo vê cada indivíduo como um consumidor anônimo, e o mundo virtual secular enxerga cada usuário como um cliente em potencial, para consumir seu conteúdo e comprar os produtos do seu marketing digital, a Igreja valoriza o ser humano como pessoa carente de salvação. Como filhos de Deus, somos convidados a rejeitar a lógica consumista do tempo presente e a nos afastar da cultura materialista e coisificada que nos cerca. Para isso, é necessário viver a santificação, por meio do que Yong chamou de “consumo santificado”. Isso abre espaço para pensar no “uso santificado” das mídias digitais.

Creio que Paulo sintetizou bem essa orientação em Filipenses 4:8: *“Finalmente, irmãos, tudo o que for verdadeiro, tudo o que for nobre, tudo o que for correto, tudo o que for puro, tudo o que for amável, tudo o que for de boa fama, se houver algo de excelente ou digno de louvor, pensem nessas coisas.”*

RESUMO DOS CURRÍCULOS DOS ENTREVISTADOS

Dr. Claiton Pommerening:

É pastor-auxiliar na Assembleia de Deus em Joinville/SC e teólogo pentecostal. Doutor em Teologia pela EST (Escola Superior em Teologia). Diretor e Professor da Faculdade Refidim e outras instituições. Comentarista das Lições Bíblicas da CPAD. Autor dos livros: “Teologia da Experiência” (CPAD, 2024) e “A obra da salvação” (CPAD, 2019), entre outros artigos e capítulos acadêmicos.

Dr. Eduardo Leandro:

É pastor na Assembleia de Deus em Rio Tinto/PB e teólogo pentecostal. Doutor em Teologia pela EST (Escola Superior em Teologia). Diretor e Professor do CETAD-PB (Centro de Estudos Teológicos da Assembleia de Deus da Paraíba) e outras instituições. Comentarista das Lições Bíblicas da CPAD. Autor dos livros: “Introdução à teologia pentecostal” (CPAD, 2023), “A sociedade brasileira e o pentecostalismo clássico” (CPAD, 2021), entre outros artigos e capítulos acadêmicos.

Me. Valmir Nascimento:

É pastor-auxiliar na Assembleia de Deus em Cuiabá/MT e teólogo pentecostal. É doutorando em Filosofia Política e Social na UNISINOS/RS. Professor da FEICS/MT e de outras instituições. Comentarista das Lições Bíblicas da CPAD. Autor dos livros: “A mente carismática” (Thomas Nelson, 2024), “Cosmovisão pentecostal” (CPAD, 2025), entre outros artigos e capítulos acadêmicos.